

APRESENTAÇÃO

Este número especial da Revista *Working Papers em Linguística* é constituído por onze trabalhos desenvolvidos na área de Sociolinguística e Dialectologia, que foram escritos por professores, doutorandos e mestrandos de diversas instituições brasileiras. Os três textos que abrem esta Revista trazem reflexões sobre fenômenos fonológicos em variação. O dois primeiros centram-se em uma discussão que atrela resultados de estudos variacionistas a uma teoria formal; o terceiro descreve um fenômeno em variação fonológica com foco na influência das redes sociais entre os informantes. O quarto e o quinto textos trazem questões relacionadas à mudança sintática, tomando pressupostos da Teoria da Variação e Mudança associados a um modelo teórico de sintaxe formal. O sexto e o sétimo artigos também tratam de temas relacionados à variação na sintaxe, mas estão vinculados a abordagens teóricas da Sociolinguística Variacionista e da Sociolinguística Histórica, respectivamente. Na sequência, vêm três artigos que levam em consideração pressupostos da Dialectologia e discutem variação morfossintática e lexical. Para fechar este número trazemos uma discussão sobre pressupostos norteadores da constituição de um banco de dados sincrônicos: de um modelo laboviano de coleta a um modelo de coleta de comunidades de práticas.

No artigo *Elevação das médias pretônicas por harmonia: questões teóricas e empíricas*, Gisela Collischonn e Márcia Eliane da Silva retomam o fenômeno da harmonia vocálica das vogais médias pretônicas no português brasileiro à luz de concepções teóricas sobre as características tipológicas e os condicionamentos do fenômeno da harmonia vocálica nas línguas humanas. As autoras partem de um breve panorama das características da harmonia da pretônica, a partir de estudos sistemáticos de cunho variacionista, para tratar de questões fundamentais e divergentes que nortearam a caracterização da harmonia em algumas obras, identificando problemas que teorias linguísticas formais ainda não conseguiram resolver.

O texto de Ivanete Mileski, *Elevação das vogais médias postônicas no sul do Brasil: tentativa de generalização de resultados*, investiga nove pesquisas variacionistas sobre a elevação das vogais médias postônicas no Sul do Brasil, com vistas à generalização de resultados. Pautando-se no pressuposto de que estudos sobre um mesmo fenômeno podem refletir diferenças concernentes à origem de dados, à constituição da amostra e às estratégias de análise, a autora mostra resultados generalizáveis para a regra variável de elevação das vogais médias postônicas no Sul do Brasil.

As oclusivas é o tema do estudo intitulado *O vozeamento/desvozeamento variável das oclusivas bilabiais em português numa comunidade teuto-brasileira e o relacionamento em rede dos falantes*, de Adalberto Ayjara Dornelles Filho, Elisa Battisti e Claudia Camila Lara. Os autores verificam a variação das oclusivas bilabiais no português brasileiro em contato com a língua minoritária alemã, o Hunsrückisch, em uma comunidade teuto-brasileira, do município de Estrela/RS, em Glória. Utilizando-se de uma análise da regra variável e de uma análise da rede social, os autores investigam um fenômeno linguístico de face dupla: o desvozeamento das oclusivas vozeadas e o vozeamento das oclusivas desvozeadas. Os resultados estatísticos da regra variável apontam que a variação mostra-se como traço residual na região investigada. Já os resultados da análise das redes revelam que, nas redes densas e multiplexas, os falantes mais velhos realizam práticas sociais predominantemente locais, práticas que promovem o contato da língua alemã com o português, mas não influenciam a fala dos mais jovens.

O artigo *Sobre o alcance da sociolinguística no estudo da mudança paramétrica: uma perspectiva interlinguística*, de Humberto Soares da Silva, compara resultados de trabalhos sobre a representação do sujeito pronominal de referência definida no italiano, no espanhol europeu, argentino e porto-riquenho e no português brasileiro. As línguas comparadas são ordenadas segundo diferentes critérios formais: (i) a frequência geral de sujeitos nulos pronominais de referência definida; (ii) a estabilidade relacionada à capacidade do núcleo I de identificar sujeitos nulos sem a necessidade de um antecedente e (iii) a riqueza flexional. O autor assume que as semelhanças entre a ordenação desses critérios não devem ser atreladas à casualidade ou à aleatoriedade, mas a um forte indício de que todos esses aspectos estão relacionados à identificação dos sujeitos nulos e, conseqüentemente, à sua produtividade.

Mayara Nicolau de Paula, no artigo intitulado *As construções de deslocamento à esquerda de sujeito no português carioca: um estudo de tendência*, apresenta resultados de um estudo em tempo real de curta duração da construção de tópico marcado denominada Deslocamento à Esquerda de Sujeito no português brasileiro. A amostra utilizada nesse trabalho compreende dados de fala do Rio de Janeiro gravados pelo projeto de pesquisa PEUL em duas décadas diferentes: 1980 e 2000. A análise dessas construções mostra que no português brasileiro há uma forte preferência por sintagmas nominais na posição de tópico, associada à ausência de restrições e às mudanças morfossintáticas pelas quais passa seu sistema pronominal, o que de certa forma reforça a aproximação dessa língua com as línguas mistas, isto é, línguas de tópico e sujeito.

Com base em uma análise da Sociolinguística Variacionista, o artigo *A colocação pronominal em complexos verbais na escrita de jornais brasileiros e europeus nos séculos XIX e XX*, de Carla da Silva Nunes e Silvia Rodrigues Vieira, descreve o padrão de colocação pronominal em estruturas com complexos verbais, encontradas em anúncios, editoriais e notícias de jornais produzidos no Brasil e em Portugal nos séculos XIX e XX. A análise do fenômeno leva em consideração quatro variantes: cl V1 V2 (*se deve fazer*); V1-cl V2 (*deve-se fazer*); V1 cl V2 (*deve se fazer*); e V1 V2-cl (*deve fazer-se*), e parte do pressuposto de que a variante considerada inovadora (V1 cl V2) não seria produzida pelos europeus nos dois séculos em questão, sendo realizada apenas na escrita brasileira, significativamente no século XX. Os resultados da análise mostram que, no Brasil do século XIX, há uma tendência a seguir o padrão lusitano de colocação pronominal que se configura como próclise a V1. Entretanto, a partir do início século XX, dados de próclise a V2 se mostram – de forma crescente – cada vez mais produtivos, diferentemente de Portugal. Esses resultados, segundo as autoras, sugerem que “a escrita brasileira passa a incorporar, cada vez mais, as mudanças linguísticas já implementadas na fala vernacular”.

Sob a perspectiva da Sociolinguística histórica, o texto *A representação da 2ª pessoa nas posições de complemento: o papel da categoria social*, de Camila Duarte de Souza e Thiago Laurentino de Oliveira, abre uma discussão a respeito da variação entre as formas do paradigma de *tu* e de *você* nas posições de complemento verbal acusativo e dativo no final do século XIX e início do XX. Utilizando-se de uma amostra formada por cartas pessoais de duas famílias e um casal de noivos situados no Rio de Janeiro, os autores investigam os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam o uso das formas de 2ª pessoa do singular. Os resultados desse trabalho indicam que a representação da 2ª pessoa nas posições de complemento não segue um único paradigma, apresentando variação entre as formas relacionadas a *tu* e a *você* desde a virada do século XIX para o século XX. Tanto na função acusativa quanto na função dativa, o clítico *te*, forma de representação associada ao paradigma de *tu*, registra alta

frequência de uso no período em que acontece a entrada e afirmação do *você* na posição de sujeito.

Na sequência, vêm três artigos que levam em consideração pressupostos teóricos da Dialetoлогия. O artigo de Leandra Cristina de Oliveira e de Luizete Guimarães Barros, *A variação diatópica no sistema verbal espanhol*, traz para investigação a variação diatópica no uso das formas simples e composta do pretérito perfeito do indicativo em diferentes variedades da língua castelhana. Os resultados a que as autoras chegam sinalizam forte relação entre as variáveis “contexto geográfico” e “forma verbal”, indicando que os dados numéricos de emprego da forma composta e da simples na variedade peninsular e nas variedades hispano-americanas são significativamente diferentes.

O artigo de Daniela de Souza Silva Costa e de Aparecida Negri Isquierdo, intitulado *Espanholismos no léxico do Brasil central: contribuições do projeto ALIB*, traz uma discussão sobre a presença de unidades léxicas de base espanhola no falar da região Centro-Oeste do Brasil documentadas pelo Projeto ALIB (Atlas Linguístico do Brasil), observando em que proporção a proximidade geográfica, histórica e cultural dos habitantes dessa região com populações provenientes de países de língua espanhola deixa vestígios no léxico. As autoras constataam que a influência da cultura espanhola perpassa as fronteiras da culinária e das representações culturais como o folclore e a dança, fazendo-se presente também no léxico relacionado a outras áreas semânticas, dentre elas, a fauna.

Marcela Moura Torres Paim, no artigo *As designações para conjuntivite nos dados do Projeto ALIB: revelações diageracionais*, também se propõe a investigar a variação lexical em inquéritos do Projeto ALIB. Utilizando-se de uma metodologia que leva em consideração a definição da base teórica a ser seguida, a escolha e formação do *corpus* e a análise empírica, a autora mostra que algumas marcas linguísticas específicas, presentes na diversidade lexical do português falado no Brasil, constroem, mantêm e projetam a identidade social de faixa etária dos informantes.

O último artigo deste número, *Banco de dados Falares Sergipanos, de Raquel Meister Ko. Freitag*, apresenta uma metodologia e alguns pressupostos norteadores da constituição do banco de dados sincrônicos Falares Sergipanos. Com o propósito de dar subsídios à investigação de variedades linguísticas do português do Estado de Sergipe, em seus diferentes níveis linguísticos e com diferentes finalidades, esse banco foi constituído, seguindo duas linhas de coleta – a de comunidades de fala (estratificação homogeneizada) e a de comunidades de práticas (relações sociopessoais). A autora registra que a coleta partiu de estudos precedentes de mapeamento linguístico em Sergipe, o que apontou encaminhamentos para a estratificação da amostra e procedimentos de coleta, armazenamento e disponibilização do banco.

Agradecemos aos autores deste número especial por terem enviado seus textos e aos pareceristas *ad hoc* pelas valiosas contribuições dadas. Esperamos que o leque de trabalhos sobre fenômenos variáveis aqui apresentados possa contribuir para dar novos rumos aos estudos de Sociolinguística e de Dialetoлогия feitos no Brasil e no exterior.

Organizadores

Izete Lehmkuhl Coelho

Edair Maria Görski

Felício Wessling Margotti